

144

INAUGURAÇÃO  
DO COLOSSO DE BRONZE  
NO DIA FAUSTISSIMO ANNIVERSARIO  
DE ELREY  
DOM JOSÉ I.  
NOSSO SENHOR.

O D E.

**A** Onde me arrebatou?

A humana vista não se atreve a tanto.

Arqueja o coração como opprimido

Com a vasta alegria.

Já se amiuda o palpitar das veias.

São menores as forças, que as ideias.

| Ouço quebrar nos ares

| Os roucos écos do metal fundido:

| Já o purpureo Véu cahio por terra.

| E a respeitosa Almada,

| Que vio brilhar primeiro o Regio Vulto,

| Como o Ganges, que adora o Sol que nasce,

| Sobre as aguas do Té, inclina a face.

Assim quando a montanha que troveja  
Vio de hum raio de gloria o rosto tinto  
Do Conductor das Taboas,  
Que marcha curvo, e que não sente o pezo,  
Em roda se abaláram os Outeiros:  
E as penhas affustadas  
Se embrulhárám em denfos nevoeiros.

Ornam o alegre Povo  
As cores, com que a Aurora as nuvens pinta.  
Por entre as tranças negras vem cahindo  
Em torto fio as perolas Indianas.  
Quanta o Sol ao nascer, e ao morrer cria  
Brilhante pedraria  
Fere os olhos. Volte-a o vento brando,  
Nos chapeos os cocares ondeando.

Giram por toda a parte  
Os quentes eixos das Carroças leves,  
Que mal tocam a areia.  
E as crespas clinas do Andaluz cavallo  
Turvam a vista do cocheiro déstro.  
Tudo o que tem diante,  
Cuida que he fonho o vago caminhante.

Tal em quanto reinou do Pai guerreiro  
O pacífico Filho,  
Vio ao redor de si ferver as praias,  
E os muros opprimidos  
Com o pezo da gente estranha, e fera,  
Que achava com seus olhos  
Muito mais do que a Fama lhe dissera.

Sagrado Juramento,  
Que nasceste no Ceo, e o Ceo protege,  
Voa das nossas bocas,  
E vai seguro, e ufano  
Sobre os degráos do pedestal robusto  
Tocar a mão do TITO LUSITANO.

ETERNA CAUSA, que os Imperios mudas,  
E as Cidades abates, e edificas,  
Conserva o Grande REY, que Tu nos déste.  
E se para alongar a sua vida  
Querem os teus Decretos soberanos  
Os nossos annos, dá-lhe os nossos annos.

*Antonio Caetano de Almeida.*

LOCAR A MÃO DO TITO LUSTIANO.

ETERNA CAUSA, que os Impérios mudas,  
E as Cidades abates, e edificaas,  
Conseiva o Grande REY, que Tu nos desic.  
E se para alongar a sua vida  
Querem os teus Doctores lobetanos  
Os nossos annos, dá-lhe os nossos annos,  
Fere os olhos, Voltos os olhos  
Nos chapéos os cocares candeando.

Quem mal se dá a parte  
Quentes cores das Carogas  
Que mal se dá a parte  
E as crepaa clina do Ancha  
Turva a vista do cochete deiro  
Tudo o que se dá a parte  
Cada que he sonho é logo camalhante

Tal em quanto reinos do Pai guerreiro  
O pacifico Filho,  
Vio ao redor de si ferer as pães,  
E os muros opprimidos  
Com a mão da gente estranha, e fera,  
Que cabara com os alhos